

DIATRIBRES 19 E 20 DE MUSÔNIO RUFO: SOBRE VESTUÁRIO, HABITAÇÃO E UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS¹

DIATRIBES 19 E 20 OF MUSONIUS RUFUS:
ON CLOTHING, HOUSING AND
HOUSEHOLD UTENSILS

PINTO DE BRITO, R., DINUCCI, A.L. (2016). Diatribres 19 e 20 de Musônio Rufo: sobre vestuário, habitação e utensílios domésticos. *Archai*, n. 16, jan.-apr., p. 333-347.

DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_16_11

O bastão, o alforje e o manto duplo: o levíssimo

Fardo do sábio Diógenes.

Tudo levo para a barca, pois nada deixei sobre a terra.

archai 

n. 16, jan.-apr. 2016

Vamos, ó cão Cérbero, abana a cauda para mim, o Cão.

(Honesto, *Antologia Palatina*, VII, 66)

Caio Musônio Rufo, estoico do primeiro século e mestre de Epicteto, era tirreno (etrusco), natural de Volturnii, na Etrúria² e, segundo a *Suda*³, filho de um romano da classe equestre de nome Capito. Teriasido aluno de Hermógenes de Tarso⁴. Segundo as cronologias comumente aceitas⁵, nasceu no fim do reinado de Augusto ou no princípio do de Tibério (por volta do ano 30) e viveu até o reinado dos Flavianos (entre os anos 90 e 100)⁶.

Suidas menciona suas obras e as cartas supostamente trocadas entre Musônio e Apolônio de Tiana, consideradas espúrias⁷. Musônio nada escreveu, mas dois alunos seus incumbiram-se disso: Lúcio (do qual nos chegaram 21 *diatribes*, preservadas por Estobeu⁸) e Pólio, cuja obra chegou-nos em fragmentos⁹.

Grande parte do que resta sobre o pensamento de Musônio foi preservado por Estobeu, eclesiástico do século V, que organizou o material transmitido por Lúcio através de seleções. A edição crítica de Musônio é de autoria de Hense¹⁰, obra que deve ser complementada por um papiro incluído na edição de Lutz¹¹. Tal edição crítica contém: 21 seleções longas (*Diatribes*), preservadas por Estobeu; 19 ditos, também preservados por Estobeu; 6 ditos nas *Diatribes de Epicteto* de Flávio Arriano; 2 ditos nas *Moralia* de Plutarco; 4 ditos nas *Noites Áticas* de Aulo Gélio; 1 dito em Aélio Aristides. A edição de Lutz acima mencionada é a primeira com tradução para o inglês. A segunda é aquela de Cynthia King¹². Há ainda a edição de Jagu, com

tradução em francês¹³, bem como a de Festugière¹⁴. Digna de menção, também, é a tradução, para o espanhol, de Paloma Ortiz¹⁵.

Quanto ao conteúdo das diatribes aqui traduzidas, trata-se de uma discussão sobre o vestuário, a habitação e os utensílios apropriados para o ser humano. Nos dias de hoje, ouve-se frequentemente que “É bom viver de modo simples”. Entretanto, se perguntarmos de novo por que é bom viver de modo simples, muitas vezes ficamos sem resposta. Musônio, entretanto, como os cínicos, jamais fala de “viver de modo simples”, mas “viver pobremente, com poucos recursos”. Tal doutrina se enraíza em Diógenes de Sínope, que, segundo Diógenes Laércio, ao chegar a Atenas, “lançou-se a uma vida módica” (D. L. 6.21.11). “Módica” traduz *euteles*, termo que é muitas vezes traduzido por “simples”, talvez por eufemismo, e que é utilizado, junto com seus derivados, diversas vezes por Musônio nas presentes diatribes. Em 20.25, Musônio diz que os utensílios de preço mais módico (*eutelestera*) são mais fáceis de adquirir e manter que os dispendiosos¹⁶. Em 20.38, Musônio alude à proibição de Licurgo, em Esparta, do dispêndio, impondo em seu lugar o que chamamos de “caráter módico”. Usamos esse termo para traduzir *euteleia*, o substantivo relacionado ao adjetivo *euteles*. Evitamos o eufemismo “simplicidade”, que daria uma falsa ideia do que se propõe. Musônio sugere, pois, como Diógenes¹⁷, uma vida com poucos recursos por uma razão precisa: evitar a “luxúria” (20.40 – *tryphe*), que corrompe corpo e alma (20.47-50), tornando o homem injusto, extravagante em seus gastos, ganancioso e incapaz de enfrentar as dificuldades que precisam ser enfrentadas pela cidade, pelos amigos, pelos seus e pelos Deuses. Assim, a vida módica fortalece o

archai ἀρχαί

n. 16, jan.-abr. 2016

Rodrigo Pinto de Brito,
Aldo Lopes Dinucci,
‘Diatribes 19 e 20 de
Musônio Rufo: sobre
vestuário, habitação e
utensílios domésticos’,
p. 333-348

homem tanto física quanto moralmente, enquanto a vida dispendiosa faz o contrário.

Tal doutrina é essencialmente cínica e foi assimilada pelos estoicos, como é atestado pelo testemunho de Sêneca:

De que modo, digo-te, é conveniente admirar tanto Diógenes quanto Dédalo? Qual destes vês como o mais sábio? Quem inventou a serra ou aquele que, quando viu um menino bebendo água com a palma da mão, quebrou imediatamente o cálice retirado do pequeno alforje com esta repreensão a si mesmo: “Por quanto tempo eu, homem estúpido, carreguei fardos inúteis!” [...] Qual dos dois pensa ser mais sábio: quem inventou de que modo lançar perfumes de açafraão por tubos ocultos a imensa altura, quem enche ou seca canais com súbito ímpeto e reúne tetos das salas de jantar flexíveis com molduras, de tal modo que uma face suceda em seguida a outra e tantas vezes os tetos sejam trocados quanto as iguarias ou aquele que mostra-nos ser possível estarmos vestidos sem o comércio de sedas, que mostra-nos ser possível ter as coisas necessárias para o nosso uso se estivermos satisfeitos com aquelas coisas que a terra põe em sua superfície? [...] As coisas de que se precisa consistem no simples cuidado. Pela luxúria muito se labora. Não desejarás artífices: segue a natureza. (Sen., *Cartas a Lucílio*, 90, 14-16 – nossa tradução).

Ademais, a *euteleia* traz consigo implícita uma excelência moral, a da “completude”, “inteireza” e “plenitude” da/na pobreza, mas também para além dela. É como se Musônio nos alertasse de que o pobre é o derradeiro e único plenipotenciário, pois tem amplo domínio sobre aquilo de que tem precisão, e isto é tudo o que possui. Assim, o estoico/cínico desenha-

do por Musônio atém-se a uma vida sem dispêndios, mas de um modo geral, evitando assim todo um ciclo de desperdícios: possuir muitos bens envolve desperdiçar dinheiro, não só para aquisição, como também para a manutenção; por sua vez, a aquisição do dinheiro, dos bens e a manutenção envolvem desperdício de tempo, inestimável, irrecuperável, e tanto mais escasso quanto mais abundantes são tapeçarias, taças, vestuários e bajuladores, de fato, grilhões disfarçados de bibelôs; como se não bastasse, some-se a isso o imenso trabalho que dá manter-se escravo dos próprios apetites. A aposta de Musônio é alta, *euteleia* é libertação, independência, mas talvez só seja capaz de entendê-lo quem apostou no contrário, perdeu e viu-se subitamente sem nada e com tudo, pois consigo, conquistador do bem último: si próprio.

Quanto ao vocabulário, optamos por traduzir *iskhyroteron* (19.10) por “poderoso”, fazendo o vocábulo remeter-se à ocorrência mais anterior de *iskhyrotata* (19.5) (“mais fortes”) e não relacionando o vocábulo com “melhor”, evidenciando assim a binomial metáfora bélica a ser desenvolvida a seguir, a do vestuário rude como armadura, antiteticamente, a do vestuário faustoso como evidência de uma fraqueza moral preexistente e vetor de vícios vindouros, como a efeminação ou a suavidade.

Traduzimos as duas ocorrências de *anoetos* (no genitivo plural em 19.8 e no dativo plural em 20.35) por “idiotas”, uma vez que a abordagem de Musônio não é intelectualista – o que justificaria o uso de “ignorante” – tampouco é ele um pensador comedido e sutil – o que justificaria o uso de “tolo” –, antes, é rude.

archai ἀρχαί

n. 16, jan.-apr. 2016

Rodrigo Pinto de Brito,
Aldo Lopes Dinucci,
‘Diatribres 19 e 20 de
Musônio Rufo: sobre
vestuário, habitação e
utensílios domésticos’,
p. 333-348

Claro, todos os supracitados tópicos são estoicos tradicionais, mas, como já o notamos, também são cínicos. Mas, sobretudo, talvez possam ser para os dias hodiernos, impregnados de um consumismo maníaco, um clamor ao encontro com aquilo que permanece por detrás de todos os entulhos cotidianos, o que há de mais básico, simples e fundamental, embora perdido...

XIX¹⁸ – DE MUSÔNIO, A PARTIR DA DIATRIBE SOBRE A PROTEÇÃO CONTRA OS ELEMENTOS

[19.1] <MUSÔNIO> FALOU ISSO SOBRE A ALIMENTAÇÃO¹⁹

Julgava valoroso²⁰ o <homem> temperante buscar proteção que não fosse dispendiosa e refinada para o corpo. E disse que é preciso fazer uso da toga e do calçado do mesmo modo que da armadura²¹, em razão da qual o corpo é protegido e não exibido. [19.5] Com efeito, do mesmo modo que as melhores armas são as mais fortes e as mais capazes de conservar quem faz uso delas, não as chamativas e brilhantes, assim também os melhores calçados e vestes são os que melhor servem o corpo, não os mais capazes de atrair os olhares dos idiotas. Pois é preciso que a proteção torne mais forte e poderoso o protegido [19.10], não mais fraco e inferior. Com efeito, os que procuram maciez e suavidade para a pele tornam pior o corpo, (se é o corpo enlanguescido e efeminado muito pior que o endurecido e exercitado). Somente os <tecidos> que são fortes e que fortalecem pela proteção beneficiam as partes protegidas. [19.15] Por isso, não é de modo algum bom cobrir o corpo com muitas togas. Nem <é bom>, para quem não está doente, enfraquecer o cor-

po, abafando-o com ataduras e envolvendo as mãos e os pés com lã ou certos tecidos. Nem, em geral, <é bom> não sentir frio e calor, mas é preciso, com medida, estremecer no inverno, tomar sol no verão e ficar à sombra o mínimo possível. [19.20] E é preferível fazer uso de uma túnica que precisar de duas. E melhor que fazer uso de uma túnica é usar um manto apenas. Também é melhor, para quem é capaz, estar descalço que calçado, pois quem está calçado corre o risco de estar como que acorrentado. Estar descalço confere muito mais facilidade de movimento²² e leveza²³ para os pés, quando são exercitados. [19.25] Onde se vê que os mensageiros não fazem uso de calçados nas vias e que os corredores, entre os atletas, não são capazes de conservar a velocidade se precisarem se mover rapidamente calçados.

Já que, em razão da proteção, também fazemos as casas, <Musônio> disse que é [19.30] preciso construí-las tendo em vista a necessidade do uso, como prevenir o frio, o excesso de calor; ser, para os que precisam, proteção contra o sol e contra os ventos. Em geral, é preciso que a casa nos supra o mesmo que uma caverna natural que possua abrigo adequado ao homem pode suprir. E se efetivamente possui <espaço> extra, [19.35] este será uma conveniente dispensa para o alimento próprio aos seres humanos. Para que o peristilo²⁴ no pátio? Para que as paredes douradas²⁵? Para que as abóbadas cobertas de ouro? Para que pedras²⁶ dispendiosas, umas combinando-se no chão, outras pressionadas nos muros, outras ainda trazidas de bem longe e a grandes expensas²⁷? [19.40] Não são todas essas coisas extravagantes e desnecessárias, <coisas> sem as quais se pode tanto viver quanto ser saudável? E que dão muito trabalho, sendo obtidas com muito

archai ἀρχαί

n. 16, jan.-abr. 2016

Rodrigo Pinto de Brito,
Aldo Lopes Dinucci,
'Diatribres 19 e 20 de
Musônio Rufo: sobre
vestuário, habitação e
utensílios domésticos',
p. 333-348

dinheiro, com o qual alguém poderia ser benfeitor de muitos homens, tanto publica quanto particularmente? E, no entanto, quão mais glorioso é a muitos beneficiar que construir uma casa dispendiosa²⁸? Quão mais nobre investir em homens que em madeira e pedra? [19.45] Quão mais benéfico é ter muitos amigos (a consequência para quem é devotado benfeitor) que estar cercado por uma grande casa? Alguém poderia obter de uma bela e grande casa lucro maior que gratificar a cidade e os cidadãos com seus recursos?

XX²⁹ – DE MUSÔNIO, A PARTIR DA DIATRIBE SOBRE OS UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

[20.1] Também consoante e congênere ao caráter dispendioso da casa se afiguram as coisas relativas ao mobiliário dela – leitos, mesas, tapeçarias, taças e coisas de tal qualidade, que ultrapassam por completo a precisão e vão além da necessidade. Leitos [20.5] de marfim e prata ou, por Zeus, dourados; mesas de material semelhante; cobertores de cor púrpura e de outras cores difíceis de achar; taças feitas de ouro e prata, de pedra ou de materiais semelhantes à pedra, que competem quanto ao custo com as feitas de prata e ouro. E todas essas coisas obtidas com esforço! [20.10] Uma pequena cama não nos oferece <algo> pior do que um leito inclinado de prata ou um leito de marfim. E é mais do que suficiente cobrir-se com um casaco de pele de cabra, de modo que não se precisa de um casaco de cor púrpura ou escarlate³⁰. E como não deixar de desejar <uma mesa> de prata quando nos é possível comer, sem risco, em uma mesa de madeira? E, certamente, por Zeus, é possível beber em copos de barro, <pois> naturalmente mata-se a sede com eles do mesmo modo que com os de ouro. O vinho nos

copos de barro não tem sabor contaminado e possui aroma mais prazeroso que nos copos de ouro ou de prata. Em geral, julgam-se corretamente a excelência e o vício dos implementos domésticos a partir destes três <critérios>: o custo, a utilidade e o cuidado. Pois são piores as quantas coisas que ou são difíceis de adquirir [20.20] ou não são adequadas para serem usadas ou não são fáceis de serem mantidas. Mas são as melhores as que adquirimos sem dificuldade; que aprovamos, usando-as; e que cuidamos com facilidade. Eis por que os utensílios de barro, de ferro e os quantos de tal qualidade são muito melhores que os de ouro e de prata: pois a aquisição daqueles é mais fácil, [20.25] sendo muito mais baratos; ou são mais úteis, pois também mais facilmente colocamos aqueles sobre o fogo e não estes; ou exigem menos cuidado, pois os utensílios baratos são menos desejados que os dispendiosos. Sendo uma parte da manutenção, também a limpeza dos utensílios dispendiosos é mais trabalhosa. Do mesmo modo que um cavalo comprado por menor preço que tem [20.30] mais utilidade presta mais serviços que o comprado por maior preço e que tem menos utilidade, assim também o utensílio mais barato e mais útil é melhor que os contrários. Então por que se buscam as coisas raras e dispendiosas ao invés das comuns e baratas? Porque as coisas boas e belas são ignoradas e, ao invés delas, atraem a atenção dos idiotas as que acham <boas e belas>. Do mesmo modo que os loucos muitas vezes chamam de brancas as coisas negras³¹. A ignorância é congênere da loucura. Pois que descobrimos os melhores dos legisladores e, entre os primeiros, Licurgo, banindo, de Esparta, o dispêndio³² e introduzindo em seu lugar o módico³³; preferindo, em relação à coragem, a carência³⁴ no modo de vida que o supérfluo [20.40]; pondo de lado,

archai ἀρχαί

n. 16, jan.-apr. 2016

Rodrigo Pinto de Brito,
Aldo Lopes Dinucci,
'Diatribres 19 e 20 de
Musônio Rufo: sobre
vestuário, habitação e
utensílios domésticos',
p. 333-348

archai ἀρχαί

n. 16, jan.-apr. 2016

Rodrigo Pinto de Brito,
Aldo Lopes Dinucci,
'Diatribres 19 e 20 de
Musônio Rufo: sobre
vestuário, habitação e
utensílios domésticos',
p. 333-348

como um ultraje, a luxúria³⁵; dando valor à vontade de trabalhar, elogiando-a como salvadora. As provas dessas coisas estão aqui: a perseverança dos jovens habituados a suportar fome e sede e, além dessas, o frio, e ainda golpes e outras dores. <Assim também, belos e> dignos de reverência, os anciões lacedemônios viviam habitualmente, [20.45] eram os melhores dos helenos e assim eram considerados, e sua pobreza era mais invejável que a riqueza constituída pelo rei <da Pérsia>³⁶. Eu mesmo, com efeito, preferiria antes estar doente que viver na luxúria. Pois estar doente atinge só o corpo, mas viver na luxúria corrompe o corpo e a alma: o corpo, produzindo <nele> fraqueza e incapacidade; a alma, produzindo <nela> licenciosidade e covardia. E certamente a luxúria também engendra a injustiça, porque também <engendra> a cobiça. Pois quem vive na luxúria não é capaz de não ser extravagante em seus dispêndios. Nem, <sendo> extravagante em seus dispêndios, <é capaz de> desejar gastar pouco. Mas, ao desejar muitas coisas, também certamente procurará obter muitas coisas. E, de novo, ao procurar obter muitas coisas, será ganancioso e injusto. [20.55] Pois não poderá procurar muitas coisas por meios justos. E ainda, certamente, quem vive na luxúria será injusto de outro modo: com efeito, hesitará ao cumprir os labores que lhe cabem em prol da cidade, ou não viverá ainda molemente. E se for preciso passar maus bocados pelos amigos ou parentes, não os suportará, pois a luxúria não o permitirá. E certamente, pelos Deuses, há, para o justo, coisas que é preciso fazer [20.60] (porque realizará sacrifícios ou rituais de iniciação ou algum outro serviço aos Deuses), coisas que quem vive na luxúria deixará de fazer. Eis por que <quem vive na luxúria>, ao não fazer as coisas que é preciso fazer, será absolutamente injusto em relação à cidade, em relação

aos amigos e em relação aos Deuses. Então, como é causa da injustiça, é preciso evitar a luxúria por todos os modos.

archai ἀρχαί

n. 16, jan.-apr. 2016

Rodrigo Pinto de Brito,
Aldo Lopes Dinucci,
'Diatribes 19 e 20 de
Musônio Rufo: sobre
vestuário, habitação e
utensílios domésticos',
p. 333-348

NOTAS

1 A presente tradução foi desenvolvida no âmbito do PGCI, CAPES 041/14, enquanto os autores atuavam como pesquisadores de pós-Doutorado na University of Kent – Canterbury em associação com a Cátedra UNESCO-ARCHAI.

2 *Suda*, M, 1305. Etrúria, chamada comumente de *Tyrrhenia* nos textos gregos e latinos: situava-se na região central da Itália, cobrindo parcialmente as áreas das atuais províncias italianas de Toscana, Lácio, Emília Romana e Úmbria.

3 *Suda*, M, 1305.

4 *Suda*, E, 3046.

5 Cf. King (2011, p. 13).

6 Para uma biografia de Musônio, cf.: Dinucci, A. Dinucci, A. (2012). Apresentação e Tradução dos Fragmentos Menores de Caio Musônio Rufo. In: *Trans/Form/Ação*. UNESP, Marília. Impresso), v. 35, p. 267.

7 Philostrat. *VA* iv, 46.

8 Stob. *Flor.* xxix, 78; lvi, 18.

9 Por exemplo: Gell., v. 1; ix.2; xvi.1.

10 Hense, O. (1905). *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig, B. G. Teubneri. Outros trabalhos importantes e recentes que tratam de Musônio são: Laurenti (1989). Musonio, maestro di Epitteto. In: *ANRW* 2.36.3, p. 2105-2146; Francis, J. A. (1995). *Subversive virtue: asceticism and authority in the second-century pagan world*. University Park, Pa.: Pennsylvania State University Press, p. 11-16.

11 Lutz, C. (1947). *Musonius Rufus: The Roman Socrates*. In: BELLINGER, A. R. (ed.). *Yale Classical Studies*, Vol. X. Yale, Yale University Press.

12 King, C. (2011). *Musonius Rufus: Lectures and Sayings*. William B. Irvine (ed.). Seattle, CreateSpace.

13 Jagú, A. (1979). Musonius Rufus. Entretiens et Fragments. Introduction, Traduction et Commentaire. In: *Studien und Materialien zur Geschichte der Philosophie*, Kleine Reine, Band I, Olms.

14 Festigièrre, A. J. (1978). *Tèlès et Musonius: Predications*. Paris, Vrin.

15 Ortiz, P. (1995). *Tabla de Ceres, dissertaciones, fragmentos menores, manual, fragmentos*. Madrid, Gredos.

16 Cf. 20.30; 20.33.

17 Cf. D. L 6.22; 6.37.

18 Stob., *Flor.* 3.1.209, capítulo 1 (Sobre a excelência).

19 Referindo-se às duas diatribes anteriores: 18 a e 18 b.

20 O verbo aqui é *axioo*.

21 *Pantoplia*: planópia, a armadura completa usada por um hoplita.

22 *Eulysia*.

23 *Eukolia*.

24 Colunata que circunda uma construção.

25 Cf. D. Chr. VIII, 117-118.

26 Musônio refere-se aos mosaicos de pedra, muito apreciados pelos ricos romanos.

27 Cf. *Tibulo* III, 3, 13.

28 Clemente de Alexandria reproduz essa passagem em seu *Pedagogo* (II, 120).

29 Stob. *Flor.* 4.28.20, capítulo 28 (Administração doméstica).

30 Esses pigmentos eram extremamente caros na Antiguidade e reservados aos muito ricos.

31 Clemente de Alexandria toma para si também essa passagem. Cf. *Pedagogo*, III, 118.

32 A palavra aqui é *polytelia*.

33 A palavra aqui é *euteleia*.

34 O termo aqui é *endees*.

35 *Tryphe*: “caráter luxurioso”.

36 Provavelmente se referindo aos reis ricos e opulentos da Pérsia, como Dario e Xerxes.

archai 

n. 16, jan.-apr. 2016

Rodrigo Pinto de Brito,
Aldo Lopes Dinucci,
‘Diatribes 19 e 20 de
Musônio Rufo: sobre
vestuário, habitação e
utensílios domésticos’,
p. 333-348

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, A. (ed.) (1928-1938). *Suidas. Suidae lexicon*. Leipzig, Teubner.

BRITO, R. (2013). Plutarco. *Que os estóicos falam mais paradoxalmente que os poetas* (tradução). In: *Anais de Filosofia Clássica*, vol. vii, n.º 13.

CARY, E., FOSTER, H. B. (1914-1927). Dio Cassius. *Roman History* (translation). Harvard, Loeb Classical Library.

CARVALHO, A. P. (1981). Homero. *Odisséia* (tradução). São Paulo, Abril Cultural.

CLIFFORD, M.; JACKSON, J. (1925-1931). Tacitus. *Histories* vols I, II (translation). Harvard, Loeb Classical Library.

DINUCCI, A. (2012). *Introdução ao Manual de Epicteto*. 3ed. São Cristóvão, EdiUFS.

_(2012). Apresentação e Tradução dos Fragmentos Menores de Caio Musônio Rufo. In: *Trans/Form/Ação*. UNESP, Marília. Impresso, v. 35, p. 267- 284.

DINUCCI, A., JULIEN, A. (2012). Epicteto. *O Encheirídon de Epicteto* (tradução). São Cristóvão, EdiUFS.

_(2008). *Epicteto. Testemunhos e Fragmentos* (tradução). São Cristóvão, EdiUFS.

FESTUGIÈRE, A. J. (1978). *Télès et Musonius: predications*. Paris, Vrin.

FRANCIS, J. A. (1995). *Subversive virtue: asceticism and authority in the second-century pagan world*. University Park, Pa, Pennsylvania State University Press.

GUMMERE, R. M. (2001). Seneca. *Epistles 66-92*. Cambridge, Loeb.

HELMBOLD, W. C. (1939). Plutarch. *On the Control of Anger* (tradução). Harvard, Loeb Classical Library.

HENSE, O. (1905). *Musonii Rufi Reliquiae*. Leipzig, B. G. Teubneri.

JAGU, A. (1979). *Musonius Rufus. Entretiens et Fragments. Introduction, Traduction et Commentaire*. In: *Studien und Materialien zur Geschichte der Philosophie*, Kleine Reine, Band I, Olms.

JACKSON, J. (1937). Tacitus. *Annals vols. I, II* (translation). Harvard, Loeb Classical Library.

JONES, C. P. (2005-2006). Philostratus. *Apollonius of Tiana vols. I, II, III* (translation). Harvard, Loeb Classical Library.

KING, C. (2011). *Musonius Rufus: Lectures and Sayings*. William B. Irvine (ed.). Seattle, CreateSpace.

LAURENTI, R. (1989). Musonio, maestro di Epiteto. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* 2.36.3, p. 2105-2146.

LUTZ, C. (1947). Musonius Rufus: The Roman Socrates. In: *Yale Classical Studies*, vol. X. A. R. Bellinger (ed.). Yale, Yale University Press.

archai 

n. 16, jan.-apr. 2016

Rodrigo Pinto de Brito,
Aldo Lopes Dinucci,
'Diatribres 19 e 20 de
Musônio Rufo: sobre
vestuário, habitação e
utensílios domésticos',
p. 333-348

MEINEKE, A. (ed.). (1855). Stobaeus. *Florilegium* vols. I e II. Lipsiae, Taubner.

OLDFATHER, W. A. (2000). Epictectus. *The Discourses as reported by Arrian (Books I, II, III & IV); Fragments. Encheiridion* (translation). Cambridge, Loeb.

ORTIZ, P. (1995). *Tabla de Cebes. Dissertationes de Musônio. Fragmentos menores; Manual de Epicteto. Fragmentos*. Madrid, Gredos.

PATON, W. R. (2000). Planudes, M. *The Greek Anthology*, books VII-VIII. Cambridge. Loeb.

_(1995). Planudes. *The Greek Anthology*, books XIII-XVI. Cambridge, Loeb.

RADICE, B. (1969). Plinius, the Younger. *Letters* vols. I, II (translation). Harvard, Loeb Classical Library.

ROLFE, J. C. (1927). Aulus Gellius. *Attic Nights* vols. I, II, III (translation). Harvard, Loeb Classical Library.

RUSSEK, D. A. (2002). Quintilian. *The Orator's Education* vols I, II, III, IV, V (translation). Harvard, Loeb Classical Library.

SCHENKL H. (1888). *Die Epiktetischen Fragmente*. In: *Sitzungsberichte der philos. – hist. Calsse der K. Akad. der Wiss. Viena*, 115, p. 443-546.

Submetido em Setembro de 2015 e aprovado em Outubro de 2015.